

**30 de setembro a 4 de outubro**  
Ponta Grossa - PR - Brasil

## **BOAS COMBINAÇÕES ENTRE INTIMIDADE E ECONOMIA: UMA ANÁLISE DAS PROFISSIONAIS DO SEXO**

### **GOOD COMBINATIONS BETWEEN INTIMACY AND ECONOMY: AN ANALYSIS OF SEX WORKERS**

#### **ÁREA TEMÁTICA: GESTÃO DE PESSOAS**

Cintia Sonale Rebonatto, Faculdade Meridional - IMED, Brasil, cintiasolane@gmail.com

Priscila Sardi Cerutti, Faculdade Anhanguera, Brasil, priscilacerutti@yahoo.com.br

Jandir Pauli, Faculdade Meridional - IMED, Brasil, jandir.pauli@imed.edu.br

#### **Resumo**

Neste artigo discute-se a permeabilidade entre os tipos de relações que envolvem intimidade e troca econômica, no mercado do sexo. Para alcançar esse objetivo, analisou-se a percepção de seis profissionais do sexo para investigar como ocorrem os ajustes entre interesses econômicos e trocas afetivas nessa profissão. A pesquisa foi realizada no Brasil e contou com abordagem qualitativa, utilizando técnicas de entrevista semiestruturadas e observação não participante. Com base no referencial teórico de Viviana Zelizer, as informações coletadas foram categorizadas com base na análise de conteúdo. Os resultados da análise revelam que, para esses profissionais, as dimensões de economia e intimidade coexistem sem se oporem. Para tanto, as trabalhadoras do sexo desenvolvem um trabalho relacional que articula intimidade e transações econômicas de um ponto de vista complementar, voltado para o propósito de tornar essa relação social intensa e duradoura.

**Palavras-chave:** Economia; intimidade; circuitos econômicos; boas combinações; profissionais do sexo.

#### **Abstract**

*This article approaches the permeability between the types of relationships that involve intimacy and economic exchange in the sex market. To achieve that objective, the perception of six sex workers was analyzed to investigate how adjustments occur between economic interests and affective exchanges in this profession. The research was conducted in Brazil and relied on a qualitative approach, using semi-structured interview techniques and non-participant observation. Based on Viviana Zelizer's theoretical framework, the information collected was categorized based on content analysis. The results of the analysis reveal that, for these professionals, the dimensions of economy and intimacy coexist without opposing each other. To this end, sex workers develop a relational work that articulates intimacy and economic transactions from a complementary standpoint, geared towards the purpose of making this social relationship intense and lasting.*

**Keywords:** Economy; intimacy; economic circuits; good combinations; sex workers.

#### **1. INTRODUÇÃO**

A prostituição é entendida como uma atividade que consiste na realização de serviços sexuais, recebendo dinheiro em troca. É uma atividade profissional exercida por mulheres, homens, heterossexuais, homossexuais, travestis e transexuais (Araújo & Vaz, 2017). Nesse sentido, a temática da prostituição emite opiniões controversas, principalmente quando é abordada como uma prestação de serviço e, por

consequente, um trabalho como outro qualquer (Edwards, 1997; Leite, 2009; Rodrigues, 2009). Ao observar suas singularidades se pode perceber que a prostituição acontece de maneira semelhante ao modo de organização do trabalho considerado legal, como ocorre nas empresas e instituições, com as mesmas regras e lógicas.

Essa profissão continua sendo uma prática marginalizada e suas representantes permanecem sendo consideradas depravadas pela sociedade em geral (Rodrigues, 2009). O fato de figurar como categoria profissional na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), a de Profissionais do Sexo (5198 – 05), não sendo mais qualificada como delito no Brasil, não gerou favorecimento significativo às prostitutas. O reconhecimento da prostituição significou apenas um pequeno avanço para a atividade, uma vez que, todo o mercado que gira ao seu entorno ainda é considerado crime. Essa ausência de regulamentação desvaloriza as profissionais impedindo a sua inserção social, além de dificultar o acesso aos direitos humanos e trabalhistas porque a profissão continua sendo tratada como prática imoral, mas não ilícita, excluindo dessa forma, o controle estatal (Leite, 2009; Rodrigues, 2009; Silva, Borges, Mafra, & Cappelle, 2013).

Independente da regularização como profissão, o mercado do sexo no Brasil está em crescimento, encontrando terreno fértil para prosperar, fazendo com que pessoas das mais variadas profissões desistam de atividades convencionais para tentarem a sorte nesse ramo (Leite, 2009; Olivar, 2015). Em 2009, a Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC) estimava que existisse 1,5 milhão de mulheres prostituídas no país. Provavelmente esse número, na época da pesquisa, já estava abaixo de apontar a realidade, pois é difícil reunir dados quantitativos quando se remete a uma questão que abrange preconceito, falsa moral e pecado (Almeida, Dias, & Horta, 2012).

A prostituição remete a ideia fantasiosa de ilegalidade, envolvendo um circuito onde o dinheiro que circula perpassa o limiar entre o legal e o ilegal, entre o econômico e o íntimo, onde dinheiro e amor, romance e sexo, favores e trabalho estão segregados, em esferas separadas (Zelizer, 2011). Ao cenário de ilegalidade estão atreladas a imoralidade, violência, poder, submissão da figura feminina, em um universo onde a mulher é vista como vítima da sociedade, da pobreza, da falta de emprego, do abuso sexual e da violência, reforçando assim o estigma em relação à prostituição (Nussbaum, 2002; Leite, 2009).

A prostituição tem sido frequentemente estudada, destacando-se estudos sobre a relação da prostituta com seu cliente (Souza, 2007; Burbulhan, Guimarães, & Bruns, 2012), motivações da busca pelo trabalho da prostituta (Russo, 2007), sobre a regulamentação da profissão ou como uma profissão (Edwards, 1997; Rodrigues, 2009; Soares, Santos, Cardoso, Neves, & Batista, 2015; Carvalho & Oliveira, 2018), a trajetória de vida da prostituta e representações sociais (Molina & Kodato, 2005), fatos, percepções e representações sociais das prostitutas (Guimarães & Merchán-Hamann, 2005). No Brasil, pouco se tem abordado o tema sobre a perspectiva de uma análise sociológica da vida econômica, ou seja, sobre as interrelações entre mercado, moralidade e repertório cultural.

Para este estudo sugere a superação da dicotomia entre afetividade e economia, propondo que a prostituição se apresenta como um espaço de trabalho onde as transações econômicas e a intimidade frequentemente interagem e se sustentam (Zelizer, 2005). Os limites entre o que é aceitável e o que não é, são definidos pelas profissionais do sexo, criando um circuito econômico onde circulam transações econômicas e afetivas com regras próprias (Zelizer, 2011). Esses limites são definidos por meio de um ‘trabalho relacional’ que estabelece ‘boas combinações’ entre transações econômicas e afetivas (Zelizer, 2005). Assim, as profissionais do sexo adquirem habilidades relacionais e de controle sobre suas emoções para executar a atividade, conquistar a clientela e manter uma relativa distância nas interações. As ‘boas combinações’ são importantes, pois nessas relações podem ocorrer trânsitos de estilos de afetos, já que existem estilos particulares em cada modalidade de intercâmbio sexual (França, 2017).

Afetos e transações circulam tanto na esfera profissional quanto na esfera privada, e ambos não estão estritamente delimitados. Dessa forma, as profissionais do sexo articulam continuamente estas duas dimensões, tentando tecer estratégias para que uma reforce a outra. Considerando, portanto, os estudos relacionados a essa temática torna-se necessário compreender a relação existente entre a prostituição e as transações econômicas para entender sua relação com a intimidade e as boas combinações criadas no exercício da profissão (Teixeira, 2008; Pelúcio, 2011; Agnoleti, 2014; Togni, 2014).

Por todas essas questões, o objetivo deste estudo é analisar como as profissionais do sexo lidam com a questão das relações econômicas perpassadas pela intimidade, dentro deste circuito econômico, no que tange a desenvolver mecanismos para estabelecer boas combinações no intuito de ajustar o fluxo econômico e íntimo. Entender como essas combinações são estabelecidas no circuito econômico da prostituição constitui outro ponto relevante deste estudo.

## 2. O Mercado Da Prostituição E As Boas Combinações

Caracterizada pela oferta de serviço sexual, a definição da prostituição quanto ao seu aspecto comercial refere-se ao ato de comercializar serviços de natureza sexual (Guimarães & Merchán-Hamann, 2005) como prazer, fantasias, sexo, carícias, dentre outros (Costa, Silva, & Nascimento, 2009). A busca pelas profissionais do sexo é motivada pela procura de um tipo específico de mulher, de prazer ou de fantasia (Russo, 2007). Não se trata de um serviço prestado por indivíduo comum do sexo feminino, mas por uma mulher específica personificada pela prostituta, pois essa se encontra inserida em um contexto único, que proporciona sensações próprias e uma gama de diferentes possibilidades e experiências (Russo, 2007).

Neste estudo, é abordada a prostituição feminina. Nele não foram tratadas das questões sociais ligadas às razões pelas quais as profissionais do sexo entram para a prostituição, visto que essas têm estado frequentemente incluídas na agenda das pesquisas sociais sendo frequentemente debatidas. Embora profissionais do sexo enfrentem várias dificuldades no exercício da profissão, estão conscientes da não aceitação pela sociedade, mas direcionam o sentido de seu trabalho para outras questões. Dentre elas a sobrevivência própria e dos familiares e a possibilidade de consumir aquilo que desejam, uma vez que muitas delas são mães e chefes de família (Silva et al., 2013).

O estigma carregado pelas profissionais do sexo torna difícil a criação de laços afetivos na sociedade. A forma com a qual lidam com essas questões, tem forte impacto na saúde, principalmente, no que se refere ao adoecimento por problemas psicológicos, devido a tendência de se instaurar um sofrimento patológico em suas vidas (Rodrigues Filho, 2014). Diante desse cenário, é relevante compreender a forma com que profissionais do sexo administram a relação entre o dinheiro e intimidade, como estabelecem limites entre o que é permitido ou não e como estas combinações são estabelecidas.

Nesse contexto, a intimidade e as questões econômicas, por longo tempo, foram mantidas em esferas separadas, visto a dicotomização do mundo em mercado e não mercado (racional *versus* pessoal; público *versus* privado; eficiente *versus* sentimental; macho *versus* fêmea; sexo *versus* amor) (Adelman, 2011). Estudiosos que apoiam a teoria neoclássica (racionalidade instrumental) (Weber, 2002; Marx, 2004; Simmel, 2008) defendem que a solidariedade, os sentimentos e a intimidade devem ser apartados dos mercados e que a contaminação da esfera racional pela dimensão afetiva gera ineficiência. De acordo com essa vertente teórica da sociologia econômica, relações de mercado em áreas consideradas do afeto (cuidados pessoais, atenção aos idosos e às crianças e da intimidade) não fazem sentido para sociedade, uma vez que, a monetização nessas esferas corromperia a solidariedade, afetando a autenticidade das relações.

Rompendo com essa perspectiva, Zelizer (2005, 2011) desafia certos binômios e dicotomias da sociologia econômica (público, privado; mercado, afeto; interesse, amor). Buscando na história e na sociologia econômica aportes para construir um novo marco de análise da racionalidade da vida econômica em que esta seja enxergada como sendo “influenciada por crenças partilhadas, por normas monitoradas e aplicadas por mecanismos que surgem das relações sociais” (Abramovay, 2004, p. 36). Por isso, a sociologia econômica não deve somente se ater ao estudo das empresas e mercados, ao contrário, deve ir além, reconhecer processos e relações sociais no âmago da economia, preocupando-se da mesma maneira com as formas de produção, consumo, distribuição e trocas (relações sociais dentro da economia) (Zelizer, 2008, 2011).

Nesse contexto, não há dicotomia entre o social e econômico, não se pode colocar como concorrentes ou opostos excludentes, as empresas, mercado financeiro e as abordagens sociais, culturais, sentimentais e íntimas. Caso o contrário, estaria sendo reconhecido justamente que há uma economia real (transações mediadas pelo mercado e seus valores) e, conseqüentemente, valores homogeneizantes (dinheiro) (Zelizer, 2008, 2011). O entendimento de Zelizer (2008, 2011) sobre o conceito de mercado é muito semelhante ao utilizado por Abramovay (2004), em que o mercado é um fato histórico, localizado

geograficamente e composto por entidades vivas, como instituições e estrutura das relações, não apenas como mecanismo geral de coordenação, regido por leis naturais.

No intuito de se esquivar da visão dicotômica entre o social e econômico, Zelizer (1988, p. 618) aproxima os meios universalizantes do mercado com os processos individualizantes (mercados particulares) ao que ela denomina de “mercados múltiplos”. Essa aproximação não significa uma contradição, mas, aspectos diferentes num mesmo processo, que permitem enxergar a economia do topo (empresas, corporações, etc.) a partir de sua base (das pessoas e de seus diferentes processos personalizados e locais de diferenciação). Seu posicionamento, não censura nem o mercado e, muito menos, a cultura de consumo, equalizando de modo não excludente a análise do indivíduo e suas subjetividades com a das organizações e suas objetividades.

Aliado ao conceito de mercados múltiplos, Zelizer (2003, p. 136) introduz o conceito de “dinheiros especiais”, uma moeda que funciona paralelamente à moeda nacional, segundo ela as pessoas e as instituições se relacionam através de moedas distintas e personalizadas. Assim, o dinheiro é composto por valores pessoais, religiosos, éticos, raciais e de gênero, pois ele propicia um processo integrador de diferentes formas, momentos, tipos e meios de troca, ou seja, sendo visto de formas distintas pelas pessoas. Assumindo valores diferentes, por exemplo, há o dinheiro que é ganho no jogo, o que é proveniente do trabalho (salário), por herança, de presente. Conforme descreve a autora, em determinados seguimentos e locais ocorre uma ressignificação do dinheiro, ou seja, outras coisas se tornam moeda de troca: cigarros, cupons, *tickets*, empenhos de compra, vale transporte. Isso demonstra que a criação de uma moeda nacional não resulta unicamente em um processo homogeneizante.

A noção de circuito econômico é outro conceito relevante, entendido como uma configuração importante e complexa dos laços sociais (Zelizer, 2011). Portanto, o presente estudo adota o conceito dos circuitos econômicos, compreendendo que seu papel está em criar limites para permitir a circulação de acordos, práticas, informações, instrumentos de troca e símbolos partilhados em um ambiente (mercado) específico. Dentro de um circuito econômico os mediadores têm papel fundamental, neste caso as profissionais do sexo serão consideradas como mediadoras dessa relação, uma vez que estas desempenham a função de traduzir e aproximar as dimensões econômica e afetiva, criando boas combinações para o estabelecimento de relações intensas e duradouras (Zelizer, 2005).

Cumpram ressaltar que a noção de ‘intimidade’ proposta por Zelizer (2011) abarca a perspectiva da confiança, da reciprocidade e amizade, consistindo em uma probabilidade analítica para superação dos denominados ‘mundos hostis’. Sendo assim, a autora postula que haveriam duas formas de intimidade: uma que sustenta a transmissão de informações confidenciais e potencialmente ‘minadas’ e outra que se refere a vínculos estreitos duráveis entre duas pessoas. As transferências econômicas acontecem nesta intimidade, por isso que os mediadores têm um papel primordial no ajuste dessa relação social, uma vez que cabe a eles a percepção da intimidade e, nesse contexto, compete as profissionais do sexo atuarem como mediadoras, uma vez que, definem os limites do circuito (Zelizer, 2011).

No mercado do sexo, formas distintas de transações alteram tanto a interação entre profissional-cliente quanto seu *status* (França, 2017). Na prática, são os múltiplos arranjos que as profissionais do sexo efetuam em suas relações com clientes e com parceiros pessoais; procurado fazer ‘boas combinações’ entre dinheiro e atividade econômica. São esses ajustes entre intimidade e dinheiro que se busca apreender. O debate deste estudo está pautado na possibilidade de reflexão sobre a conexão entre o afeto, sexo e dinheiro em diversos contextos sociais e a multiplicidade de sentimentos e motivações implicados no circuito econômico que engloba o mercado do sexo. No qual se o dinheiro for vislumbrado apenas como violência ou comércio serão obscurecidas as múltiplas formas de agenciar o corpo que não se limitam a sexualidade.

### 3. PERCURSO METODOLÓGICO

Para atingir o objetivo proposto neste estudo, optou-se por realizar uma pesquisa de abordagem qualitativa que tem o intuito de analisar a dimensão subjetiva dos fenômenos, buscando depoimentos que se transformam em dados relevantes. A escolha da metodologia qualitativa seguiu alguns pressupostos básicos: a) por permitir a descoberta de novos aspectos inerentes às relações humanas; b) por ser apropriada quando a estratégia de pesquisa propõe uma aproximação do campo de análise com novas teorias; c) por permitir sínteses narrativas de fenômenos complexos; d) por auferir significado a

contextos social e culturalmente específicos e; e) por permitir ao pesquisador-observador ser o agente do processo de pesquisa (Denzin & Lincoln, 2005). Também considera-se que a análise interpretativa é uma forma particular de aproximação para pesquisas no campo do comportamento por permitir a utilização de diferentes técnicas de coleta de dados (Padgett, 2016).

Para tanto, a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas que tiveram como base um roteiro semiestruturado, composto por 18 perguntas que englobam questões sobre as relações que envolvem intimidade e troca econômica no circuito econômico do sexo. Também, utilizou-se da observação não participante, que permitiu uma maior proximidade com as experiências das profissionais, além de garantir a livre expressão dos sentimentos das entrevistadas. Através da observação não participante foi possível adquirir conhecimentos sobre os diferentes locais de prostituição como, por exemplo, rotina, funcionamento, ambiente, negociação com os clientes, perfil dos clientes, entre outros.

Ao total, foram entrevistadas seis profissionais do sexo (Quadro 1) que se mostraram interessadas e concordaram em participar deste estudo, após contato dos pesquisadores com as casas. A escolha das participantes deu-se por conveniência, a partir da definição de um perfil que contribuísse para o entendimento do problema de pesquisa proposto e com utilização de cadeias de referência, em bola de neve (Flick, 2009). Creswell e Creswell (2017) argumentam que o pesquisador seleciona intencionalmente os participantes e os locais que melhor o ajudarão a entender o problema ou a questão de pesquisa. Esta deve ser uma característica típica da pesquisa qualitativa, e esta liberdade de escolha não sugere, necessariamente, uma amostragem ou seleção aleatória típica da pesquisa quantitativa (Creswell & Creswell, 2017). Apesar das limitações, desse critério, ele foi útil uma vez que se tratam de questões delicadas, de âmbito privado e, portanto, se fazia necessário o conhecimento de pessoas pertencentes ao grupo ou reconhecidas por esse para localizar informantes para o estudo. Os nomes utilizados para se referir as profissionais do sexo são fictícios, para preservar a identidade das mesmas.

<b>Entrevistada</b>	<b>Idade</b>	<b>Tempo de profissão</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Casa de prostituição</b>
Lua	18 anos	2 anos	Ensino médio completo	Casa B
Sol	25 anos	1 ano	Ensino médio completo	Casa B
Mar	27 anos	9 anos	Ensino superior incompleto	Casa B
Estrela	30 anos	16 anos	Ensino fundamental completo	Casa A
Flor	36 anos	19 anos	Ensino médio incompleto	Casa A
Terra	39 anos	20 anos	Ensino médio completo	Casa A

Quadro 1 – Perfil das entrevistadas deste estudo

Fonte: Elaborada pelos autores (2019).

As entrevistas foram realizadas nos meses de julho e agosto de 2017 nas próprias casas de prostituição, de acordo com a disponibilidade de cada entrevistada. Cada entrevista teve em média a duração de 40 minutos, sendo gravadas em áudio. Atentando aos padrões éticos em pesquisa, antes do início de cada entrevista foram apresentados os objetivos do estudo; informado sobre caráter voluntário da participação; explicado o roteiro e duração da entrevista; e, que em caso de constrangimento poderiam optar por não responder à pergunta ou suspender a entrevista a qualquer momento. Foi solicitado as participantes que assinassem um termo de consentimento livre e esclarecido. As gravações somente tiveram início após o consentimento das entrevistadas.

A segunda técnica de coleta de dados utilizada foi a observação. A observação é uma técnica bastante eficaz de coleta de dados porque se vale da participação no cotidiano das ações desenvolvidas pelos atores para possibilitar informações com alto grau de fidedignidade que saiam do esquema sujeito investigador *versus* objeto investigado (Becker, 1994). Quanto às observações sobre o universo de pesquisa (estabelecimento, impressões sobre os proprietários, relacionamentos entre as profissionais e delas com os proprietários) estas foram anotadas em um bloco de anotações durante as visitas, sendo transcritas posteriormente no diário de campo.

Essa articulação entre duas técnicas de coleta de dados permitiu aspectos para além da lógica discursiva das entrevistadas. A pesquisa foi realizada em duas casas de prostituição (aqui denominados Casa A e Casa B) localizadas no norte do estado do Rio Grande do Sul, que realizam um expressivo número de programas diários. Inicialmente as entrevistas foram ouvidas, transcritas e lidas (buscando

familiarização e não interpretação). A análise dos dados foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo, que consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, através de três etapas: (i) pré-análise; (ii) exploração do material; e, (iii) tratamento, inferência e interpretação dos resultados (Bardin, 2009). A análise partiu de uma macrocategoria definida *a priori*: o trabalho da profissional do sexo. A análise de conteúdo também seguiu os passos sistemáticos deste tipo de análise, a saber, a) a geração de categorias de informações (codificação aberta); b) a seleção de algumas destas categorias para posicioná-la dentro de um modelo teórico (codificação axial); e c) a explicação de uma história a partir da interconexão dessas categorias (codificação seletiva) (Creswell & Creswell, 2017). Conforme o trabalho de categorização era desenvolvido, as categorias primárias foram surgindo naturalmente e sendo organizadas com base no que foi abordado no referencial teórico (Quadro 2).

Dimensão	Autores	Categorias
O trabalho das profissionais do sexo	Rodrigues (2009); Silva <i>et al.</i> (2013); Silva e Cappelle (2015).	- O trabalho; - Facilidades e dificuldades; - O local de trabalho; e - A percepção social sobre a profissional do sexo.
Circuito econômico	Zelizer (2000, 2006, 2012).	- Usos e significado do dinheiro; - Dinheiros especiais; - Circuitos econômicos; - Limite entre moral e mercado; e - Boas combinações (negociação da intimidade).

Quadro 2 – Perfil das entrevistadas deste estudo

Fonte: Elaborada pelos autores (2019).

A primeira macrocategoria descreve as características do trabalho das profissionais do sexo (rotina de trabalho, o profissionalismo, percepção sobre o trabalho e como a sociedade as percebe) e a segunda macrocategoria retrata as esferas econômicas e de intimidade a partir de boas combinações.

## 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

### 4.1 Análise dos resultados

Nesta seção, é apresentada a análise das entrevistas a partir das duas categorias elencadas (características do trabalho das prostitutas e as esferas econômicas e de intimidade a partir de boas combinações), com base nas principais ideias-chaves que compõem cada categoria.

### 4.2 Características do trabalho das profissionais do sexo

A primeira categoria analisada descreve a percepção das entrevistadas quanto às características de seu trabalho como profissional do sexo. A casa de prostituição A inicia as atividades às 13 horas e 30 minutos, sem horário fixo para encerramento das atividades, normalmente, em torno de 5 horas da manhã, durante os 7 dias da semana. A negociação dos programas acontece entre a profissional e o cliente, na qual é combinado o preço do programa, tempo de duração, modalidades de sexo a serem realizadas e valor do aluguel do quarto. O montante é pago pelo cliente, em dinheiro, à prostituta antes da realização do programa. Não é cobrado das profissionais qualquer tipo de porcentagem sobre o programa, o único valor repassado para a dona do estabelecimento é proveniente do aluguel (R\$ 30,00) dos quartos. Basicamente, o lucro do estabelecimento obtido advém do comércio de bebidas, produtos do bar e aluguel dos quartos.

A prostituição reproduz hierarquias sociais e as próprias profissionais dividem e atribuem valores diferentes às modalidades de comércio do sexo (França, 2017). Os tipos de programas possuem denominações e características diferentes. O valor tabelado é denominado como mínimo da casa e todos os programas só ocorrem a partir desse valor. O programa denominado de completo inclui sexo oral, várias posições de sexo vaginal, dentre outras modalidades de sexo, com duração média de 30 a 40 minutos. O programa definido como básico inclui a felação e, dependendo do caso, uma posição de sexo vaginal, com duração média de 15 minutos.

A casa de prostituição B funciona a partir das 22 horas, no entanto, as garotas de programa, como preferem ser chamadas, que residem na casa atendem alguns clientes fixos em outros horários, como por exemplo, Mar, que atendeu um cliente após a entrevista. O estabelecimento só encerra o expediente quando for atendido o último cliente. Atualmente, moram doze garotas no estabelecimento.

Os programas na casa B são tratados entre as profissionais e o cliente, mas o valor mínimo da casa é R\$ 150,00, tendo de 15 a 30 minutos de duração. O valor é acertado antes da realização do programa e pago por meio de dinheiro ou cartão de crédito. As profissionais recebem comissão sobre as doses de bebida alcoólicas consumidas pelos clientes. A venda de bebida é comissionada no valor de R\$ 75,00 por cada garrafa de espumante consumida. Os outros tipos de bebidas são cobrados por doses. O aluguel dos quartos é de responsabilidade dos clientes que custam entre R\$ 50,00 e R\$ 150,00, variando em função do valor do programa cobrado.

Terra, que trabalha na Casa, conta que há colegas que fazem o programa completo por R\$ 30,00, sendo que este valor é estipulado pelo programa denominado de ‘básico’ e, de acordo com ela, existe grande concorrência entre as colegas, em função de não ter um ‘mínimo da casa’ estabelecido, dificultando a relação de trabalho entre elas. A concorrência nesta profissão promove práticas distintas das descritas, consideradas pelas entrevistadas como bizarras e desprezíveis, o que demonstra que as regras (referentes ao que pode e não pode no exercício da profissão) se mantêm, apenas mudam em tempos de crise e acentuada competição por um mercado atualmente saturado.

Corroborando com essa perspectiva, Lua observa que:

Nada é de graça. Eles sabem, vão ter que dar dinheiro por qualquer coisa que eles forem fazer, entendeu? Então, eu deixo a realidade estampada! E, tem gurias que não. Preferem ter aquele namoradinho fixo. *Dá* uma vez, na outra não cobra nada. Não! Eu sou muito profissional!” (Lua – 18 anos).

Assim, a profissional do sexo se diferencia pelas regras do seu trabalho, nas quais tudo o que for feito tem o seu valor monetário. O amor não faz parte das descrições do trabalho das profissionais do sexo. Nesse sentido, torna-se um consenso entre autores (Silva & Cappelle, 2015; Burbulhan, Guimarães, & Bruns, 2012; Lopes, Rabelo, & Pimenta, 2007) que a principal motivação para a permanência na prostituição são os fatores econômicos.

Embora a sociedade perceba o trabalho das profissionais do sexo como algo fácil (Silva et al., 2013), para as entrevistadas, o trabalho exercido “não é uma coisa fácil, é rápido. Num dia, *tu* ganha o que um trabalhador normal demora para ganhar em trinta dias” (Mar – 27 anos). Desse modo, não percebem a imoralidade e a facilidade do seu trabalho, justamente por envolver diversos aspectos que permeiam outros tipos de trabalho, tais como negociação e reclamação de cliente, como mencionado:

Quando *tu* acertou ali o programa, e *daí* chega no quarto e o cara não gostou de ti, *tu* não tem culpa, *daí* ele pega e ‘quero dinheiro de volta’. Entrou no quarto, fez o ‘terereu’, não tem o que fazer. Já aconteceu comigo, duas vezes, do cara querer o dinheiro de volta” (Lua – 18 anos).

Somando-se a isso, tem o custo que o trabalho da prostituição exige, como o aluguel dos quartos e dos cuidados pessoais das profissionais do sexo (cabelo, maquiagem, etc.) que ficam sob responsabilidade financeira de cada uma. Nesse sentido, elas relatam que “a gente gasta com salão, a gente é super cheirosa, usa produtos caros” (Sol – 25 anos). Nessa mesma perspectiva, a profissional mobiliza diferentes habilidades e comportamentos frente aos diversos tipos de clientes que aparecem, visto que ela não escolhe o cliente que vai atender, como mencionado: “um dia você vai ficar com um senhor de idade, outro dia com um mais novinho, diariamente isso é marcante. Cada dia um rosto diferente, uma pessoa diferente, um jeito diferente. A gente tem de ser uma pessoa diferente a cada momento” (Sol – 25 anos).

Ademais, constantemente as profissionais do sexo desenvolvem diversas técnicas e habilidades para ganhar mais, como por exemplo, criar estratégias a fim de incentivar o consumo de álcool pelo cliente, envolvimento emocional e fidelização do cliente, conforme a fala:

Quando o cliente chega e não vai para o quarto direto, daí eu sou carinhosa, então, ele bebe, bebe um pouco mais, conversa, conta da vida, da família. A maioria é casado, briga com a mulher e vem para cá. A gente deixa ele falar, se insinua, dança, ele bebe mais e quando vai para o quarto, às vezes nem acontece, a gente fica só conversando, fica até amigo, daí ele volta de novo (Terra – 36 anos).

E ainda: “quando o cara vai beijar, eu já vou virando o rosto. Na verdade, tem que dá uma enganada porque se não o cara não vai ficar. A gente está louca para ganhar o dinheiro e *goodbye*, tem que dar uma iludida” (Lua – 18 anos). Na prostituição, esse tipo de habilidade é denominado de ‘malandragem’ (França, 2017) e a simulação do beijo na boca também é uma habilidade desenvolvida pelas entrevistadas. O beijo na boca não faz parte do trabalho das entrevistadas porque se o cliente chegar a beijar, ele pode satisfazer as suas necessidades e não vir a fazer o programa. Contudo, elas têm que envolver o cliente ao ponto de despertar o interesse de pagar os serviços, relatos mostram que as profissionais do sexo percebem o seu trabalho como outro qualquer em função de mobilizarem habilidades, desenvolverem estratégias de vendas de serviços e produtos, terem regras estipuladas com os clientes, terem um custo para que o serviço seja prestado e envolverem uma transação monetária, negociação e fidelização do cliente.

### 4.3 Esferas econômicas e de intimidade a partir de boas combinações

As transações financeiras resultantes de relações sexuais exigem o ajustamento entre duas esferas da vida que se misturam nesta troca econômica: a dimensão racional e dimensão afetiva. A análise dos relatos permite evidenciar que, às vezes, estas fronteiras são transgredidas, exigindo um aprendizado constante dos perigos que estas transgressões podem trazer às profissionais. As entrevistadas demonstram ter refletido e feito diversos cálculos para mensurar se os seus possíveis parceiros proveriam o sustento de seus filhos e seriam bons maridos. Essa percepção é vista quando mencionado que “*tu* sabe que é quase impossível, mas *tu* sempre quer achar alguém que te salve disso, que cuide de ti, teus filhos. Já vivi com cliente. Não dá certo, porque eles não vão querer sustentar os teus filhos, só o deles. Daí tem mulher, família. Dificilmente *tu* deixa de ser amante” (Flor -36 anos).

Nessa mesma direção, a entrevistada Mar concorda com essa perspectiva, porque: “ter casado com meu cliente foram quatro anos perdidos da minha vida. No começo, ele era um amor de pessoa. Nos últimos dois anos, ele virou minha vida um inferno. Foi a pior coisa que eu fiz na minha vida, ter saído da noite para ficar com ele”. Entretanto, os relacionamentos com os clientes também não são vistos com bons olhos pelas entrevistadas, pois: “*tu* gosta, se apaixona, *tu* sofre, um dia *tu* não está lá, ele vai com outra menina e *tu* sente, dói” (Terra – 36 anos).

Os depoimentos também denotam os múltiplos arranjos que as profissionais do sexo fazem em suas relações com clientes, na tentativa de tecer as boas combinações entre intimidade e atividade econômica (ZELIZER, 2006). Por isso, os limites dentro do circuito econômico onde estas transações ocorrem são constantemente reforçados. O relato a seguir mostra os cuidados necessários para evitar que as emoções contaminem a dimensão racional inerente ao exercício da profissão:

Ter romance, não. Só profissional. Tem menina aqui que se apaixona por cliente, tem cliente que se apaixona pela menina. Se a menina é burra, ela dá de graça, perde o foco no objetivo, por isso, tem menina aqui que já faz parte das paredes da boate, não vai sair daqui nunca. A menina que é esperta, ela jamais vai dar de graça, porque ela está aqui com um objetivo, né? *Tu* não veio de tão longe, da tua família, para *tu* chegar aqui e fazer a burrada de sair ficando e se apaixonando (Sol - 25 anos).

O relato de Sol mostra a relação com a teoria de que as boas combinações entre racionalidade econômica e o interesse monetário não ameaçam a intimidade, a empatia e as relações de reciprocidade, conforme sugerido por Zelizer (2011, 2012). No que se refere ao relacionamento com cliente, a diversidade das relações é evidente na forma de como profissional do sexo traça os limites das interações. Na prostituição, as mudanças na demarcação dos limites do circuito onde ocorrem as transações podem sofrer alterações quando a frequência dos encontros aumenta e quando esta relação vai do sexo para a criação de relacionamentos duradouros. Em alguns casos, o casamento surge como forma de consolidação da relação.



As experiências vividas pelas entrevistadas corroboram para essa questão, pois algumas já foram casadas com clientes e, outras recebem valores monetários em forma de ajuda e presentes de clientes. Tal situação é mencionada quando dito que “meu cliente veio aqui agora e me trouxe um buque de rosas, me deu um dinheiro, me levou no banco para depositar. Esse é um cliente fixo, ele já está apaixonado” (Mar – 27 anos).

As falas de Mar e Terra mostram que elas investem, com frequência, em relações afetivas com seus clientes. Estrela, afirma que, tem um cliente fixo que a trata muito bem, levando-a para jantar e viajar. Para Terra também é comum receber presentes, bem como auxílio financeiro para pagar as contas “às vezes, *tu* até fica mais amigo, começa a ir direto, daí te ajuda a pagar um talão de luz, uma compra no mercado”. Na mesma direção, percebeu-se que as entrevistadas permitem a ampliação da relação na perspectiva de intensidade e durabilidade para assumir outro *status* profissional, pois “eu sou tratada como amante, eles vem, me ajudam um pouco, me levam para sair. Até viajo!” (Estrela – 30 anos).

Entretanto, o investimento em uma relação aparentemente perigosa, porque mistura afetividade com as transações monetárias, parece estar muito bem ajustada. Quando Mar afirma que “ele já está apaixonado” e quando Estrela relata assumir papel de amante, percebe-se uma habilidade por parte das profissionais para permitir um distanciamento suficiente entre uma relação despersonalizada e um envolvimento afetivo que pode causar sofrimento.

Essas falas mostram como emerge e se estrutura o circuito econômico que ‘abriga’ as relações entre a profissional do sexo e seu cliente, tornando-se um exemplo das configurações complexas que os laços sociais produzem para ajustar o ‘lugar’ do dinheiro nas relações (Zelizer, 2012). Assim, este estudo concorda com perspectiva teórica de que o circuito econômico é um recurso analítico que permite configurar a circulação de acordos, práticas, informações, instrumentos de troca e símbolos partilhados pelos envolvidos em uma relação.

Ademais, essa análise permite entender que são os envolvidos na transação que definem o conteúdo moral e os limites deste circuito, estabelecendo os limites entre moral e mercado. Corrobora-se, assim, com as sugestões de Zelizer (2006) e França (2014) de que no mercado do sexo, essa demarcação assume múltiplos arranjos que o profissional do sexo precisa fazer com clientes e com parceiros para estabelecer ‘boas combinações’ entre dinheiro e afetividade.

A configuração adotada no circuito permite que os laços entre o profissional do sexo e seu cliente extrapolem a relação sexual para criação de uma intimidade que compartilha segredos, frustrações e expectativas dos clientes. Isso faz parte da profissionalização do trabalho, pois “tem cliente que vem aqui e a gente vira psicóloga, a gente só conversa, eles pagam muito pra gente conversar. Ah que o casamento não tá bom, eles vem falam da família” (Mar – 27 anos).

Estas falas ilustram que as profissionais do sexo atuam como mediadoras, elaborando o conteúdo simbólico que permite “boas combinações” entre a racionalidade instrumental e a intimidade com vistas à ampliação das suas relações profissionais. É neste ponto que ocorre uma convergência entre os conceitos de intimidade e confiança, caracterizada pela transferência de informações confidenciais e potencialmente “minadas” e pela criação de laços estreitos duráveis entre duas pessoas. É nesta intimidade, reciprocidade e confiança que ocorrem as transferências econômicas (Zelizer, 2011).

Por todo exposto, o estudo permite duas considerações importantes. A primeira é de que a demarcação do que é aceito moralmente é definido pelos envolvidos na transação. A segunda consideração é a de que são os laços de intimidade que permitem criar a confiança e a reciprocidade necessárias para que a relação seja bem ajustada pelos envolvidos. Reitera-se, então, a ideia de intimidade de Zelizer (2000, 2011) que sugere que a confiança, a reciprocidade e a amizade criam o suporte para a circulação de informações confidenciais, exigindo um trabalho relacional permanente para o ajuste dos limites entre o aceitável e o imoral.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar como as profissionais do sexo articulam transações econômicas e íntimas, procurando compreender como desenvolvem mecanismos para estabelecer boas combinações no intuito de ajustar as relações com seus clientes. Na prostituição, o circuito econômico é representado através da relação prostituta cliente, cabendo a ela a mediação e delimitação das interações, as falhas nesses ajustes e a alteração dessas relações alteram as relações econômicas.

Várias formas de ajustes foram percebidas em diversos momentos durante o estudo: em relatos enfáticos, como o de Lua, sobre o caráter profissional de seu trabalho; nos relacionamentos afetivo-sexuais mantidos com clientes como Mar e Terra muito bem descreveram. Isso indica que nesse circuito, onde relações íntimas são mediadas pelo dinheiro, as transações financeiras não atuam como solvente das relações sociais, corrompendo ou contaminando a empatia e a solidariedade, permitindo estabelecer uma crítica à teoria de ‘esferas separadas’ e ‘mundos hostis’.

Entretanto, apesar de demonstrar que transações econômicas e intimidade coexistem sem se opor, os relatos indicam que essa coexistência não está isenta de conflitos e consequências, indicando que os arranjos entre economia e intimidade nem sempre são exitosos e relações podem ser destruídas pelo dinheiro. Nesse sentido, chama atenção o relato de insucesso de algumas experiências de tentativas de conjugalidade entre prostituta e cliente, culminado em seu posterior retorno à prostituição. A ocorrência de relações românticas entre prostituta cliente é um tema que carece de ser explorado em virtude de sua possível relação com uma série de valores tradicionais e homogeneizantes, como por exemplo, o ideal de amor romântico, do homem como provedor do núcleo familiar.

Por meio da observação realiza danos estabelecimentos, verificou-se que ‘classe’ e ‘raça’ influenciam a dinâmica das interações no mercado do sexo e que diferenças de classe e status separam os lugares ocupados pelas profissionais no mercado. A prostituição cria hierarquias sociais e as profissionais estratificam e atribuem valores distintos às modalidades de comércio do sexo. A partir das entrevistas, foi possível observar variações nas respostas obtidas na Casa A e B, bem como na renda obtida, número de programas diários, que poderiam ser atribuídas à idade, diferentes momentos de vida dos entrevistados e diferentes locais de exercício da profissão. Sugere-se como estudo futuro a comparação entre o trabalho da prostituta com outros profissionais autônomos que exercem atividades que envolvem trocas econômicas e íntimas, podendo-se citar, empregados domésticos, cabeleireiros, manicures, cuidadores de idosos.

Ainda, torna-se relevante investigar a prostituição masculina (heterossexuais, gays, travestis e transexuais) e como estes profissionais ajustam as relações econômicas perpassadas pela intimidade, pois a questão gênero pode ser fundamental em temas como identidade, independência, satisfação pessoal e inserção social. Abrir possibilidade de mudar o registro de algo que é considerado uma fatalidade, como a entrada na prostituição, pode abrir a discussão sobre as responsabilidades assumidas com essa escolha. Esboçando-se novas perspectivas sobre as habilidades necessárias para a prestação de tal serviço. Mesmo observando a tendência profissionalizante presente nos discursos e outros estudos sobre o tema, salienta-se que nem sempre a profissionalização será capaz de mudar o *status* de estigmatização destinado ao exercício da prostituição e, por conseguinte, a prostituta.

Pesquisas como esta contribuem social e cientificamente, uma vez que permitem conhecer melhor uma população marginalizada em condições de vulnerabilidade social, com a perspectiva de auxiliar a pensar políticas públicas voltadas para aspectos específicos, inclusive referências gerais sobre o dia a dia da prostituição, que podem contribuir com as discussões atuais a despeito desta atividade como profissão.

## REFERÊNCIAS

- Abramovay, R. (2004). Entre Deus e o Diabo: mercados e interação nas ciências humanas. *Tempo Social*, 16(2): 45-64.
- Adelman, M. (2011). “Por amor ou por dinheiro? emoções, discursos, mercados. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, 2, 117-138.

- Agnoletti, M. (2014). *A transmigração no espaço, no corpo e na subjetividade: deslocamentos de fronteiras na experiência de travestis paraibanas na Itália*. 2014. 163 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa: UFPB.
- Almeida, S., Dias, P., & Horta, L. (2012). *Prostituição: Trabalho ou Problema Sócio Afetivo?* Disponível em: <<https://psicologado.com/atuacao/psicologia-social/prostituicao-trabalho-ou-problema-socio-afetivo>>. Acesso em: 08 jun. 2018.
- Araújo, L. & Vaz, T. (2017). Sexo e afeto. *Ponto Urbe*, v. 21, 2017. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/3573>>. Acesso em: 09 nov. 2018.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo* (3.ed.). Portugal: Edições 70.
- Becker, H. (1994). Problemas de inferência e prova na observação participante. In: H. Becker. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec. p. 47-64.
- Burbulhan, F., Guimarães, R., & Bruns, M. (2012). Dinheiro, afeto, sexualidade: a relação de prostitutas com seus clientes. *Psicologia em Estudo*, 17(4): 669-677.
- Carvalho, R. & Oliveira, J. (2018). Regulamentação da Prostituição no Brasil. *Revista Jurídica Direito, Sociedade e Justiça*, 6(1): 357-351.
- Costa, D., Silva, E., & Nascimento, J. (2019). *O trabalho das profissionais do sexo em Campina Grande: a batalha da vida*. Disponível em: <[http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais\\_XVENABRAPSO](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO)>. Acesso em: 01 jul. 2017.
- Creswell, J. & Creswell, D. (2017). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. London: Sage publications.
- Denzin, N., & Lincoln, Y. (2005). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage.
- Edwards, S. (1997). The legal regulation of prostitution: a human rights issue". In: G. Scambler & G. Scambler. *Rethinking prostitution: Purchasing Sex in the 1990s*. London and New York: Routledge. p. 55-80.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- França, M. (2017). Práticas e sentidos da aprendizagem na prostituição. *Horizontes Antropológicos*, 23(47): 325-349.
- FUMEC - Fundação Mineira de Educação e Cultura. *Estatística*. (2009). Disponível em <<https://ongmarias.wordpress.com/estatisticas/>>. Acesso em: 09 nov. 2018.
- Guimarães, K. & Merchán-Hamann, E. (2005). Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(3320): p.525-544.
- Leite, G. (2009). *Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Lopes, C., Rabelo, I., & Pimenta, R. (2007). A bela adormecida: estudo com profissionais do sexo que atendem à classe média alta e alta na cidade de Goiânia. *Psicologia e Sociedade*, 19(1): 69-76.
- Marx, K. (2004). *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo.
- Molina, A. & Kodato, S. (2005). Trajetória de vida e representações sociais acerca da prostituição juvenil segundo suas participantes". *Temas em Psicologia*, 13(1): 09-17.
- Nussbaum, M. (2012). Pela razão ou preconceito: ganhar dinheiro com o uso do corpo. *Caderno Themis Gênero e Direitos sexuais*. Porto Alegre: Themis. p. 13-55.
- Olivar, J. (2014). Pesquisando prostituição e mercados do sexo: contribuições, debates e novos desdobramentos". *Revista Artemis*, 18(1): 3-12.

- Padgett, D. (2016). *Qualitative methods in social work research*. London: Sage Publications.
- Pelúcio, L. (2011). ‘Amores perros’ sexo, paixão e dinheiro na relação entre espanhóis e travestis brasileiras no mercado transnacional do sexo”. In: A. Piscitelli, J. Assis, G. Olivar, (Eds.), *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero – PAGU/Unicamp. p. 185-224.
- Rodrigues Filho, L. (2014). Prostituição: um estudo sobre as dimensões de sofrimento psíquico entre as profissionais e seu trabalho. *Revista Científica da UEM: Série Ciências da Educação*, 1(1): 114-123.
- Rodrigues, M. (2009). A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer?”. *Revista Kátalysis*, 12(1): 68-76.
- Russo, G. (2007). No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos. *Caderno CRH*, 20(51): 497-514.
- Silva, K., Borges, G., Mafra, F., & Cappelle, M. (2013). Ser Prostituta: o Sentido do Trabalho Moralmente Inaceitável. *Revista Gestão Organizacional*, 11(2): 215-246.
- Silva, K. & Cappelle, M. (2015). Sentidos do Trabalho Apreendidos por meio de Fatos Marcantes na Trajetória de Mulheres Prostitutas”. *Revista de Administração Mackenzie*, 16(6): 19-47.
- Simmel, G. (2008). *A Filosofia da Moeda e outros escritos*. Lisboa: Texto & Grafia.
- Soares, J., Santos, L., Cardoso, J., Neves, L., & Batista, E. (2015). Prostituição como profissão: uma análise sob a ótica das profissionais do sexo. *Revista Saberes*, 3(2): 63-75.
- Souza, F. (2007). *Saberes da vida na noite: percepções de mulheres que prestam serviços sexuais sobre o educar-se nas relações com seus clientes*. 2007. 163 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Educação em Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, SP.
- Teixeira, F. (2008). L’Italia dei Divieti: entre o sonho de ser européia e o babado da prostituição”. *Cadernos Pagu*, 31, 275-308.
- Togni, P. (2014). *A Europa é o CACÉM. Mobilidades, gênero e sexualidade nos deslocamentos de jovens brasileiros para Portugal*. 2014. 187 f. Tese (Doutorado em Antropologia). Instituto Universitário de Lisboa. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Lisboa: ICS, ISCTE.
- Weber, M. (2002). *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC/
- Zelizer, V. (1998). Beyond the Polemics on the Market: Establishing a Theoretical and Empirical Agenda”. *Sociological Forum*, 3(4): 614-634.
- Zelizer, V. (2003). O significado social do dinheiro – Dinheiros especiais”. In: J. Peixoto & R. (Eds), *Os trilhos da sociologia econômica*. Portugal: Editora Celta. p. 125-165.
- Zelizer, V. (2005). Intimité et économie. *Terrain Anthropologie & sciences humaines*, 45, 13-28.
- Zelizer, V. (2006). Money, power, and sex. *Yale Journal of Law and Feminism*, Princeton, 18(6) : 303-312.
- Zelizer, V. (2008). Pasados y futuros de la sociología económica”. *Apuntes de Investigación del Argentina*, 14, 95-112.
- Zelizer, V. (2010). A economia do Care”. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 10(3): 376-391.
- Zelizer, V. (2011). *A negociação da intimidade*. Coleção Sociologia. Rio de Janeiro: Vozes.
- Zelizer, V. (2012). How I became a relational economic sociologist and what does that mean? *Politics & Society*, 40(2):145-174.